

ARTE, CULTURA E COTIDIANO NA FORMAÇÃO ESTÉTICA

Suely Lima de Assis Pinto - *UFG/CAJ*

Resumo

Este texto objetiva refletir sobre ações humanas – a sua cultura – e o mundo que se cria no contexto da sociedade capitalista que causa a desvalorização da cultura e da nossa humanidade. O homem se encontra no berço de uma sociedade, que vai paulatinamente expropriando-o de valores éticos-humanizadores; por isso, a reflexão que ora se apresenta busca compreender como esses valores vão se exaurindo no cotidiano, juntamente com a organicidade que constitui nossa humanidade. O caminho percorrido leva a conclusão que para a superação desta irrealidade contemporânea é preciso conhecer. O conhecimento que nos aproxima da coisa em si e de nossa própria consciência, um conhecimento humano, um conhecimento sensível, uma educação estética.

Palavras-chave: Cultura e cotidiano – formação humana – educação estética.

Abstract

This text have as goal the reflection about human actions – its culture – and the world that creates itself in the context of the capitalist society that cause the depreciation of the culture and ours humanity. The man finds himself in the cradle of a society that gradually goes expropriating him of his ethical - humanist values; therefore, the reflection that presents itself search to understand how these values have been missing of everyday life such as the organic structure of our humanity. The path walked takes the conclusion that to overcome this contemporary unreality is needed to know. The knowledge that takes us closer to the thing itself and of our proper conscience, a human knowledge, a sensitive knowledge, an aesthetic education.

Keywords: Everyday life and culture – human being formation - aesthetic education.

Introdução

Nos últimos anos tem-se questionado o ensino da arte nas escolas e sua incapacidade de inserção no contexto da produção artística contemporânea. Percebe-se que o ensino da arte aborda a educação como um fragmento que não sofre influências das diferentes determinações que assolam a educação e a cultura. Nesta perspectiva questiona-se: como o ensino da arte na escola pode inserir-se na totalidade da educação se não há uma compreensão por parte dos educadores sobre a importância da cultura como mediadora na formação de identidades/humanidades? Será que a compreensão da arte da cultura e na cultura, mediada pelo estudo do cotidiano possibilitaria restituir à arte seu poder educativo?

Se as propostas para o ensino da arte enfatizavam a presença da mesma na escola, por que seu ensino não passa de trivialidades do cotidiano? Banalizam sua dimensão libertadora por meio de uma prática tecnicista, voltada exclusivamente para um fazer descompassado e descontextualizado.

Benjamim (1985) disse que arte também é técnica, mas na escola ela é tecnicismo, ela é banalizada, é um fazer por fazer desprovido de conteúdo. É preciso realmente uma mudança, uma transformação, mas como levar essas transformações para o ensino da arte (BARBOSA, 2003a)?

Segundo Evangelista (1992, p. 24), “a crítica da modernidade foi dirigida ao conjunto de sua racionalidade, numa cruzada contra a razão em geral, dando forte impulso a nova onda irracionalista”. Neste contexto, os principais temas da racionalidade moderna deram lugar “à valorização do fragmentário, do microscópico, do singular, do efêmero, do imaginário, dentre outros”.

O ensino da arte parece inserir-se nesse contexto, contrapondo-se “às supostas verdades educacionais e às mais suspeitas ainda certezas da escola” (BARBOSA, 2005, p.12). Barbosa mostra que o ensino da arte no Brasil deve romper com a idéia de preparação para o trabalho, idéia disseminada historicamente, principalmente pela ideologia neoliberal, e em consonância com a arte-educação internacional propor um estudo que contemple a multiculturalidade, a interculturalidade e o homem.

A cultura e a formação humana

Ao pensar o conceito de cultura e sua relação com a natureza, Brandão (2002) afirma que somos parte da natureza, parte de um universo que compartilha a vida e o mistério de estar vivo. Mas o mundo que criamos nos diferencia dos animais porque não podemos ver sem perceber e perceber sem pensar. Como humanos pertencemos ao plano natural dos sinais, como sujeitos da cultura. Para esse autor, o homem “leva pela vida afora a experiência humana da vida na memória carregada de nomes e de cenas, de cenários e símbolos, de palavras e frases” (BRANDÃO, 2002, p. 16). A memória e a cultura “existe tanto fora de nós, em qualquer dia de nosso cotidiano, quanto dentro de nós, seres obrigados a aprender, desde crianças e

pela vida afora, a compreender as suas várias gramáticas e a “falar” as suas várias linguagens.” (p.16).

Segundo Brandão (2002) como seres da vida o homem se une a todos os outros seres vivos, mas se diferencia por sua consciência reflexiva. Daí a necessidade de pensar. A consciência reflexiva, a inteligência, o símbolo, o signo, o significado, que se atribuí ao mundo criado – tudo isto é cultura.

Como sujeitos da natureza aprendem a viver; tornam-se indivíduos, sujeitos da cultura. Sujeitos humanos que se fazem nas relações sociais e pelas relações sociais. O homem é humano porque vive em mundos sociais, em cenários diferentes, de trocas estabelecidas culturalmente. Ele pensa, cria, administra regras sociais e ao estabelecer normas e regras de conduta cria a cultura. O homem é tudo aquilo que cria a partir do que lhe é dado. Brandão (2002) afirma que essa cultura criada e recriada é subjetiva e objetiva, não vive só na abstração de um inconsciente coletivo, mas é também produto, matéria, está em nós e entre nós. Por isto, viver em cultura ou viver uma cultura é conhecer os valores patrimoniais que a representam, seu cotidiano, sua vida social e significativa.

São esses elementos da cultura que devem pautar todas as reflexões/ações do conhecimento em arte. No entanto, nesta sociedade o homem parece se desumanizar, fragmentar o processo de conhecimento, educação e cultura que se efetiva no cotidiano.

Duarte Jr. (1997) faz uma retrospectiva histórica sobre o caminho percorrido pela humanidade até a modernidade demonstrando como essa trajetória desvinculou o homem de sua humanidade em função de uma razão instrumentalizada. Apresenta uma perspectiva dos valores humanos frente aos elementos do cotidiano os quais ele ressalta: a habitação, o passeio, a conversa, a comida, o trabalho. O autor apresenta a crise da modernidade que levou a perda da essência humana, do não sentido, em função de uma funcionalidade. O mundo passa a ser conhecido pela tela da TV, da mídia, do irreal. A arte contribuiu com esta desestruturalização do sensível por meio da indústria cultural.

Diante dessa realidade, o processo de desenvolvimento do homem vê-se bombardeado por uma profusão de signos e imagens, que se tornam simulacros de uma vida real. Os meios de comunicação de massa contribuem com o processo de desumanização, reforçando uma sensação de mal estar, de desconforto. E na ânsia de compreender este mal estar, que se instaura, aliado ao processo de desumanização caracterizado, principalmente, pela alienação e ausência de criticidade do homem, a mídia se apresenta como a salvadora desse sujeito apresentando por meio de seus produtos industriais, aquilo que o homem procura como condição de humanidade. É assim que os produtos se apresentam como essência de humanidade e a busca se finda, pelo menos temporariamente, na aquisição de um produto da indústria cultural.

Para este autor, a perda da sensibilidade humana, nessa sociedade se efetiva por meio de espaços inseridos no cotidiano. Ao refletir, primeiramente, sobre a habitação, o autor afirma que houve uma perda para o homem, o que ele caracteriza como quantitativa e qualitativa. No quantitativo, na maioria das vezes, não há habitação e sim favelas, casas de papelão, ou as pessoas caracterizadas como “sem teto”. A contradição rege a sociedade, cuja técnica de construção atinge seu ápice com a construção de edifícios, mas a especulação imobiliária impera sobre essa habitação impelindo a humanidade para as favelas. No qualitativo, mesmo diante desse ápice arquitetônico, a habitação perdeu a identidade humana, a estética, o arabesco que fariam daquela um lar. Vive-se em espaços ínfimos, funcionais, “a forma segue a função”. São conjuntos habitacionais que se multiplicam constatando essa desumanização do espaço. As construções, em qualquer lugar do mundo, seguem o mesmo padrão utilitário/geométrico dispensando o traço expressivo da cultura onde se localiza.

Sobre o passeio, o autor demonstra que o ato de passear pela cidade constitui a compreensão da própria identidade. Um processo de identificação do homem com seu meio ambiente e com o outro. Dessa relação, nasce um sentimento de instalação no mundo e com o mundo e de um compromisso social. Passear é fundamental para a efetivação de uma realidade instável e

acolhedora, porém, a modernidade priva o homem desses elementos em função de uma transformação pela violência e pela poluição, principalmente, nas grandes cidades.

A conversa ou a tradição oral, antes da modernidade, sempre foi depositária da cultura viva, assim como a sabedoria, a história, a ciência, a arte e a técnica tradicionais. Pela palavra ou pela conversa, trocam-se não apenas informações, mas afetos e sentimentos, elementos fundamentais para a transformação de uma dada realidade. Desapareceu o hábito de conversar nas calçadas no final de tarde. Hoje, as famílias, de forma solitária, preenchem o tempo mínimo em que se encontram juntos em frente do aparelho de televisão. Desaparece, com isto, a opinião pública, pois, agora, regidos pelos meios de comunicação de massa, possuem uma opinião uniforme, ideologizada, imbuída pela indústria cultural.

Ao compreender essas transformações inseridas no seio da modernidade, Duarte Jr (1997) analisa ainda, a comida como um universo repleto de contradições. O ato de comer no mundo humano, antes carregado de significados, a festa do casamento, a festa do aniversário, a reunião com a família no final de semana, são momentos quando as famílias sentavam-se à mesa da cozinha e, enquanto preparavam uma comida repleta de temperos, a panela fumegante no fogão exalava seu aroma de sabores. Tudo isso foi sendo substituído pela falta de tempo, pelo “fast-food” diante da mesa de um balcão de bar, pela “bóia-fria”, em um lugar distante do aconchego do lar, pelo almoço de negócios. A contradição, nesse contexto, atinge seu ápice diante da modernidade, quando se apresenta na tecnologia avançada das técnicas agrícolas e no aumento de produção, simultaneamente, ao aumento da fome e da miséria. Hoje a comida é regida por substâncias químicas, criam-se sabores e odores artificiais, que simulam os alimentos e embrutecem o paladar, ao mesmo tempo em que o homem, na miséria, vai perdendo suas características próprias de uma condição humana.

Um dos momentos de maior ênfase no processo de desumanização, segundo Duarte Jr. (1997), foram as mudanças no processo de trabalho, que

se modificaram a partir da Revolução Industrial. O artesão que antes dominava todo o processo de conhecimento do produto fabricado (como por exemplo, as tecedeiras que dominavam o conhecimento desde a plantação do algodão até o acabamento final de uma costura), hoje possui conhecimento dividido e fragmentado. Nas fábricas, o homem é capaz de passar um dia inteiro apenas pregando botões, ou costurando uma gola de camisa, logo ele não possui o conhecimento em sua totalidade. O trabalho tornou-se uma função, e o homem, um funcionário. A industrialização despojou a produção de seu caráter artesanal, pessoal, criador e humanizador, transformando-a em atividade anônima, mecânica, embrutecida e alienante. Instaura-se, com isso, o funcionalismo, o descartável, o funcional e o simulacro. No âmbito do mundo moderno, as coisas devem funcionar com o menor custo possível e o maior lucro alcançável. Em decorrência disto, vão sendo deixados de lado as escalas de valores, o bom e o mau, o certo e o errado, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o ético e o antiético.

Surgem desta forma, diferentes problemas que vão desde a corrupção, a falta de ética e de valores desmedidos proporcionados pelo meio político, até a ações de desequilíbrio ambiental causados por complexos industriais que se instauram sem a análise e pesquisa de impactos ambientais e que, muitas vezes, possuem também o viés dos interesses políticos. Na modernidade, qualquer processo de evolução humana tem seu preço, mesmo que, nesse processo, se esteja espoliando o homem do que lhe é fundamental: a sua humanidade.

É nesse momento que a formação humana e emancipadora, por meio da experiência estética e da formação cultural, se constitui como fundamental no processo de devolver ao homem, embrutecido pelo cotidiano moderno, a organicidade e a universalidade de sua condição humana.

Cultura e cotidianidade

Percebe-se que o conceito de cultura engloba as ações do homem desenvolvidas historicamente, portanto, ações vividas no cotidiano de um

sujeito. Este cotidiano muitas vezes é repleto de contradições que se instauram na sociedade, na sua cultura; ele é ao mesmo tempo as trivialidades e a essencialidade da vida humana. Para Lefebvre (1991) o estudo da vida cotidiana possibilita a compreensão dos conflitos entre o racional e o irracional nessa sociedade e nessa época. Segundo ele, a idéia de cotidiano sempre esteve presente no mundo humano, mas é por meio da literatura que esta idéia se instaura. Presente no discurso detalhado, metafórico da literatura, o cotidiano se apresenta em sua totalidade, em sua universalidade.

No entanto, para ele, esse cotidiano que possui a universalidade humana, que contém o mundo na sociedade capitalista se dissolve na ideologia. São as contradições dessa sociedade que Lefebvre (1991) apresenta, contidas principalmente, nas tramas das relações de produção. O cotidiano neste contexto, se transforma em cotidianidade, presente apenas no discurso e não em sua essencialidade. Lefebvre (1991) denomina a sociedade capitalista de sociedade do consumo burocrático dirigido, num contexto em que o consumo dirigido denomina as necessidades, o desejo, o querer, e estes são incitados ao consumidor pelo discurso ambíguo e ideológico da propaganda. Ambíguo porque o discurso apresenta a mercadoria em uma retórica de signos, de significados e significantes, e que é ao mesmo tempo sem sentido. É a sua contradição. É o objeto e a sua imagem, no concreto e no imaginário. É ao mesmo tempo o objeto e desejo do objeto.

É nesse sentido simbólico da propaganda que Barbosa (1998) defende a necessidade de uma alfabetização visual. Essa idéia é também defendida por Buoro (2003) que propõem uma educação do olhar, da visibilidade/visualidade, um processo lento que envolve os diferentes sentidos e busca com isto construir um leitor que se abra para o conhecimento e criticidade do mundo que o cerca.

A contradição da sociedade capitalista nas esferas da cultura vai aparecer no cotidiano nos seus aspectos de essencialidade e trivialidade. É a ideologia que trivializa o cotidiano. Lefebvre (1991) afirma que a sociedade nas relações de produção cria os subsistemas como uma forma de

compreender esta sociedade e seu desenvolvimento. Estes subsistemas modificam a sociedade, seu cotidiano, seus valores, sua cultura. Neste contexto, a mercadoria que é material em sua forma (utilitária) e estrutura (material) adquire características e função social. Esta função social se caracteriza na humanização da mercadoria, isto é, a sociedade a encara como um problema social e o homem se organiza e, em alguns casos, organiza sua cidade, em função dos subsistemas.

Lefebvre (1991) mostra em sua análise que o cotidiano vai se alterando no discurso ideológico da sociedade capitalista. Esta sociedade, segundo ele, se mantém por meio da persuasão (ideologia) e da opressão (explícita ou implícita), é a sociedade do terrorismo. Esta opressão se apresenta principalmente nos processos de socialização ou nas instituições sociais, mas que também caracteriza um dos campos de socialização – família, trabalho, escola (educação), lazer, habitação. Percebe-se com isso que a repressão ocupa um vasto campo nesta sociedade que vai desde a vida social até a vida biológica. Um jogo complexo, mas que para Lefebvre (1991), compõe a história da vida cotidiana.

Compreende-se desta forma, que o cotidiano que se cria na metáfora do discurso, na literatura é também destruído na metáfora do discurso – a propaganda da mercadoria. A sociedade perde sua realidade na ideologia do discurso – a metalinguagem. O cotidiano do qual os indivíduos na modernidade querem fugir e que foi criado e apresentado pelo discurso, é a cotidianidade. A ideologia trivializa o cotidiano.

É neste contexto que a ideologia, que para Lefebvre (1991), é uma mistura de conhecimentos e interpretações do mundo e do saber, enfim, essa mistura de ilusões pode ser chamada de cultura. A cultura, que nos constitui humanos, nesta sociedade, se transforma em ideologia.

Percebe-se, portanto, que a sociedade, ao mesmo tempo em que constrói o mundo do indivíduo, determina como esse mundo deve ser vivido e sentido, e por meio de ideologias presentes em diversas instâncias da vida social, impõe ao indivíduo uma falsa realidade. Compreender esse mecanismo

de coerção presente nas instituições sociais e na sociedade constitui um papel para o indivíduo consciente. Essa consciência só será possível por meio da socialização internalizada numa cultura universal, isto é, não mediada por ideologias, que confere ao indivíduo um mundo humano construído como um mundo de significações e valores no qual a cultura sai do domínio da necessidade para o domínio da liberdade e torna possível a comunicação com o outro, num movimento que impõe à cultura um caráter de universalidade.

A universalização da cultura só se efetiva no processo de reconhecimento do outro, e não na individualidade; a humanização do homem se dá em coletividade. A universalidade do homem frente aos embates apresentados é quase impossível, mas, segundo Heller (2000), a essência da vida humana, que também é histórica, se encontra no cotidiano. O homem faz a História em condições determinadas (tese de Marx) e, por isso, a constituição da pessoa humana está na História. A História é como a substância da sociedade, pois contém a estrutura e a continuidade de seus valores. Esses valores são uma categoria ontológica-social, ou seja, relacionam-se com a constituição genérica do homem. Valor é, portanto, “tudo aquilo que produz diretamente a explicitação da essência humana ou é condição de tal explicitação” (HELLER, 2000, p. 8).

Para Heller (2000), um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade, mas, em dada circunstância, quando o indivíduo atinge a homogeneização em direção ao humano-genérico, ele passa a representar a singularidade universal.

Se considerar-se as análises de Heller sobre a possibilidade de o homem, por meio de suas ações, conseguir se elevar ao humano-genérico, pode-se ver que a sua socialização, bem como sua educação e as diferentes determinações que perpassam a sua história de vida, são fundamentais para compreensão de sua singularidade. A organicidade do indivíduo será atingida por meio das relações de convivência entre os grupos nas diferentes esferas de sua socialização e cultura.

Assim, é possível afirmar a contradição entre as possibilidades pouco alentadoras da cultura como formação humana e a possibilidade de autonomia presente nas tramas das relações sociais e de produção inseridas no cotidiano do sujeito. É a possibilidade de conhecimento e consciência de si mesmo. No limite, no processo social estão postas as possibilidades para o homem transpor as tramas da ideologia e da alienação em ações de consciência que lhe possibilitem atingir o humano-genérico, a autonomia e a universalidade que se constituem na sua singularidade. É nesse sentido que, no cotidiano e na cultura, a universalidade se apresenta na singularidade de um sujeito. Outrossim, a construção dessa possibilidade encontra-se respaldada no processo de socialização e na educação, que se constituem nos diferentes processos formativos inseridos nas relações sociais.

Todo este percurso consiste na defesa da arte como mediação do conhecimento humano, como formação para a autonomia. Para a sensibilidade. Uma educação que possibilite a compreensão do mundo humano, o mundo da cultura. É preciso a superação desta irrealidade contemporânea por meio do conhecimento que nos aproxima da coisa em si e de nossa própria consciência, um conhecimento humano, um conhecimento sensível, uma educação estética capaz de elevar as ações humanas para além da trivialidade do cotidiano.

Educamos porque essa é a única maneira – escolar ou não – de criar pessoas e recriar mundos de interações entre pessoas. Mundos que culturalmente transformam atos em gestos e gestos em ações regidas por acordos sociais de sentidos e por consensos de significados. Educamos para que o outro – a educanda, o educando – seja como nós ou se possível melhor que nós. (BRANDÃO, 2001, p. 14)

Referência Bibliográfica

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação. In: **Interação**: revista da Faculdade de Educação / UFG. n. 1 / Janeiro, Junho/ 2001.

_____. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. 2 ed. São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2003.

DUARTE JR., João Francisco. **O itinerário de uma crise**: a modernidade. Porto Alegre: Ed. UFPR, 1988.

EVANGELISTA, João E. **Crise do Marxismo e irracionalismo pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEFREBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

Suely Lima de Assis Pinto

Doutoranda em História pela FCHF/UFG, Mestre em Educação Brasileira – FE/UFG, Graduada em Artes Visuais – IA/UFG, Professora do curso de Pedagogia, Campus Jataí/UFG. Participa como pós-graduanda no Grupo de Pesquisa: Interartes: processos e sistemas interartísticos e estudos de performance e atua nas linhas de pesquisa: Historiografia da História das Artes - História Plural e Comparada das Artes Interartes, interculturalidade e outros campos de saber (psicanálise, história, antropologia, educação) e como pesquisadora no Grupo de Pesquisa: NESEC - Núcleo de Estudos Sociedade, Educação e Cultura, na linha de pesquisa: Sociedade, cultura e processos educacionais.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.